

DOI: 10.46943/IX.CONEDU.2023.GT13.028

# O ALUNO DE ESCOLA DO CAMPO QUE APRENDEU SER RESILIENTE: UMA HISTÓRIA DE LUTA E RESILIÊNCIA

*LUCÍLIO HALTER SOBRAL MENDES*

Licenciado em Pedagogia pelo ISEP, pós-graduado em psicopedagogia Clínica e Institucional – CEPAI, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Matemática – UFPE/CAA. [lucilio.halter@ufpe.br](mailto:lucilio.halter@ufpe.br)

*CONSTANTIN XYPAS*

Doutor em Ciências da Educação. Atualmente é Professor Visitante da UFPE e vice-coordenador do NUPERES; Professor Associado da Universidade de Shebrook e da Universidade de Québec à Três-Rios; Professor Titular (aposentado) e ex-coordenador da pós-graduação stricto sensu, incluindo o Mestrado e o Doutorado em Ciências da Educação na Université Catholique de l'Ouest (França). Professor visitante da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. [constantinxypas@uern.br](mailto:constantinxypas@uern.br)

## RESUMO

O artigo traz em seu bojo a história de Lucílio Halter desde sua tenra idade na formação em escola do campo até se tornar professor e ir constituindo-se tutor de resiliência dos seus alunos a partir do encontro com seus professores na trajetória escolar. Mesmo diante de condições sociológicas desfavoráveis ele consegue prosseguir nos estudos até chegar ao mestrado acadêmico em Universidade Federal-UFPE/CAA. A metodologia desencadeou uma narrativa autorreflexiva actancial da semiótica dos actantes de A. J. Greimas, onde se fundamenta nos estudos da relação ao saber de B. Charlot, A busca do sentido de Viktor Frankl, A construção do herói em cada história de sujeito de Lutz Müller, A sociologia do êxito improvável de Xypas e Cavalcanti, A teoria do capital cultural de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, e a teoria da resiliência de Boris Cyrulnik.

**Palavras-chaves:** Narrativa Autorreflexiva. Resiliência. Origem Popular. Educação de do Campo.

## INTRODUÇÃO

---

A presente pesquisa objetiva evidenciar como, no âmbito da formação continuada, qualquer professor pode aprender a se tornar tutor de resiliência dos seus alunos, no sentido de B. Cyrulnik (2015). Acreditamos que cada docente deve mergulhar na sua infância e relembrar das dificuldades encontradas, tanto escolares quanto familiares, assim como dos professores que o ajudaram, seja de maneira explícita e voluntária, seja de maneira implícita e involuntária. A metodologia utilizada consiste em pedir à cada professor que possa aceitar em redigir sua autobiografia educacional aplicando o modelo da Narrativa Autorreflexiva Actancial. O artigo inclui um exemplo do narrador o professor Lucílio. Com isso, o professor torna-se mais consciente de sua responsabilidade de formar e dar condições para que os alunos possam pensar suas potencialidades nos estudos e serem capazes de batalhar com os “dragões” em suas vidas.

A pesquisa se fundamenta na busca de sentido pelo saber que se alicerça nos escritos de Viktor Frankl (1987) e Lutz Müller (1987) onde o primeiro fala de como procuramos dá sentido na vida apesar dos desafios constantes. Já o segundo fala de como cada sujeito tenta construir um herói na sua história de vida vencendo o dragão (uma pessoa que dificulta a vida do sujeito como pode ser uma situação adversa), que se colocam a todo momento para desafiá-lo. Para isso, eles em seus escritos teorizam, a seus modos, a busca do sentido para conquistas nos estudos diante das inquietações e questionamentos de como se constroi o bem-estar docente, surgiu a pergunta como o professor enquanto tutor de resiliência ajuda seus alunos a terem sentido para verem na escola um local que possibilitem a ascensão social? Tendo na consciência que são muitos desafios encarados pelos professores. Acredito que a ação docente está intimamente igual ao objetivo do médico para com seus pacientes: a cura e prevenção das doenças nos pacientes e na população em geral. Assim, está no amago do professor o cuidado educativo e o despertar do desejo de aprender e por consequência o bem-estar do aluno, desta forma pensada como Xypas (2022). Para tanto, busco pensar na minha identidade como professor, mesmo percorrendo uma longa jornada de desafios na trajetória escolar e como também no ambiente familiar que tem nuances de ascensão social entre parentes que se aventuram em movimentos migratórios para trabalhar no sul do país e por conseguinte, poder oportunizar condições de estudos aos mais jovens familiares; Como também outros membros sacrificam seus sonhos em detrimentos

de outros num movimento em desapego de si. No tocante deste contexto familiar podemos afirmar categoricamente que a teoria do capital cultural de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron, não dão conta de caracterizar a ascensão social de alunos de origem popular.

Outra questão a ser respondida: Como um professor se torna tutor de resiliência dos seus alunos? A construção da identidade docente vai se moldando na longa jornada, as vezes por imposição de parentes, por falta de outras opções de trabalho e em muitas situações o sujeito passa por um processo de individuação em que ele próprio tem a capacidade de abstrair do ambiente sentido para querer fazer a diferença na vida de outros sujeitos no caso, alunos. Para Leal (2011), o tutor de resiliência vai além de um protetor, ele estabelece uma relação em estilo de capacitor de desenvolvimento emocional. Antes de ser um tutor de resiliência o professor foi tocado por outro que lhe demonstrou a capacidade de transformação na superação de desafios, onde foi demonstrado a resiliência na prática consigo. Para Cyrunkil (2015), toda e qualquer pessoa pode torna-se resiliente desde que tenha outra pessoa que possa está disponível para ajudá-lo na superação de um trauma ou qualquer que seja o momento difícil. Seja uma palavra de apoio, um gesto, uma ajuda afetiva. Isso pode ser a mola propulsora na vida do indivíduo. Esse tutor de outrora pode ser um familiar, um amigo, religioso e/ou professor na vida escolar. No caso deste narrador destaco o professor de matemática Claudionor, a professora de filosofia Belzinha, e de português Clemanze. Pelo olhar e acolhimento desses professores para um aluno extremamente tímido que fui aos poucos me constituindo professor que tem como objetivo principal na profissão despertar nos alunos o brilho intenso no aprender e na capacidade de vencer os percalços do cotidiano. Não poderia deixar de também destacar minha primeira professora alfabetizadora, a Tia Vanda. Assim, dou sentido à docência acompanhar meus alunos individualmente e encorajá-los sempre.

Portanto a partir do que foi exposto me faço a seguinte pergunta: Qual foi o sentido que busco para ser resiliente nas condições adversas e prosseguir nos estudos? Perante essa questão, tenho clareza de que no decorrer de minha vida fui constituindo uma forma de resiliência que meus pares me mostravam como é intrínseco a dupla capacidade de ensinar e aprender para isso, alunos e professores necessitam desejarem, (LEAL, p. 38, 2011). O sentido de prosseguir nos estudos foi e é sempre motivar e ter a motivação no brilho do olhar em aprender. Como também

fica cristalino que o sentido do ofício do docente depende da maneira com qual, enquanto discente, conseguir superar fracassos escolares e desafios educativos.

Com base teórico-metodológica em Xypas e Cavalcanti, (2022) os autores dão uma nova leitura quanto a relação ao saber do aluno, dos pais - mesmo semiletrados - e dos professores, anterior feita por Bernard Charlot (2009) coloca de forma contundente a função da escola no viés capital:

Ela serviu de base às “sociologias da reprodução” que demonstraram, de forma convincente, que a escola beneficia os dominantes e contribui assim para a reprodução da desigualdade social. (CHARLOT, 2009).

Em Xypas (2019), traz um novo olhar através da Sociologia do Êxito Improvável quando fala que em diferentes sociedades tem observado uma clara ascensão social pelos estudos de pessoas desprovidas das condições familiares e escolares. Diferentemente preconizada por Bourdieu (1964) e Passeron (1970) os quais colocam a lei da sociologia, como a universalidade da reprodução das classes.

No ambiente acadêmico superior e em escolas dita de “referência” as quais formam inicialmente futuros professores é recorrente discussões de como fazer os estudantes terem bom desempenho no processo de escolarização e alcançar um êxito escolar, principalmente alunos de classe popular. Quais técnicas adequadas ao processo de aprendizagem lhes favoreceriam? Quais correntes pedagógicas progressistas poderiam lhes darem capital epistemológico para vencerem nos estudos? Quais recursos tecnológicos revolucionários seriam alavancadores na dinâmica social para os esses alunos vencerem nos estudos? Tais questões devem ser refletidas de maneira consciente de que o processo de aprendizagem é dinâmico e subjetivo, onde uma série de fatores devem ser levados em consideração. Em CAVALCANTI, XYPAS, (2022):

Nossa sociedade, assim como em muitos países, é marcada por profundas desigualdades socioeconômicas. Tais desigualdades acabam se reproduzindo no tempo, de forma que os filhos das classes econômicas mais favorecidas, herdeiros de capitais econômicos, social e cultural, tendem a se posicionarem na classe dos pais e filhos das classes economicamente desfavorecidas repetem o perfil socioeconômico de sua origem. (CAVALCANTI, XYPAS, p.235, 2022)

Fato constatado por estudos da (OCDE) em 2018 com a população de 30 países membros da organização. Esse olhar demonstra consonância com os estudos

feitos por dois autores BOURDIEU e PASSERON, (1964 e 1970). Esses autores veem colocar como papel da escola e da família na *reprodução* das *classes sociais*. Portanto, seria essa uma lei da sociologia, pois a reprodução se encontra em todas as sociedades. Visão amplamente contestada por XYPAS, (2022):

No entanto, em todas as sociedades observamos *ascensão social pelos estudos* de pessoas desprovidas das condições familiares e escolares. Observação contradizendo a lei da reprodução. (XYPAS, p.239, 2022)

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A dinâmica da reprodução de conceitos da correlação de origem social e desempenho escolar centradas em teorias reproducionista para explicação do fracasso escolar, precisam ser questionadas. Nesse sentido que Cavalcanti e Xypas evidenciam que esse determinismo não se sustenta, tendo em vista que projetos familiares educacional e de capital favorável fracassam e, enquanto, há projeto educacional de origem popular que conseguem êxito e ascensão social. Essa é o cerne da Sociologia do Êxito Improvável construída nos estudos do profº Drº Constantin Xypas e proº Drº Dilson Cavalcanti.

As possíveis respostas para as perguntas feitas inicialmente não temos prontas, até por que existem um conjunto de fatores intrínsecos no dinamismo do ensino e aprendizagem. Os mesmos autores nos dizem que, a complexidade das questões para alunos de pouco capital financeiro tidos como improvável para terem êxito escolar não está em apenas uma única teoria, p. 237, mas encontra uma possível ideia da capacidade de ressignificar a sua história tornando-se resiliente e protagonistas de sua vida, em dois autores: Frankl( 1987) e Muller (1987), onde um discorre como se dá sentido à vida passando por momentos difíceis e ressignificando esses momentos e o outro como cada sujeito constrói o herói dentro de si superando as dificuldades (dragão) diariamente.

Frankl em a busca de sentido, traz no cerne de sua teoria o sofrimento como motivador e essencialmente desafiador para aquele que está imenso num ambiente hostil, mas também, descobre que o sofrimento por si só não aniquila a existência humana:

Da maneira com que uma pessoa assume o seu destino inevitável, assumindo com esse destino todo o sofrimento que se lhe impõe, nisso se revela, mesmo nas mais difíceis situações, mesmo no último minuto de

sua vida, uma abundância de possibilidades de dar sentido à existência. Depende se a pessoa permanece corajosa e valorosa, digna e desinteressada, ou se na luta levada ao extremo pela auto-preservação ela esquece sua humanidade e acaba tornando-se por completo aquele animal gregário, conforme nos sugeriu a psicologia do prisioneiro do campo de concentração. Dependendo da atitude que tomar, a pessoa realiza ou não os valores que lhe são oferecidos pela situação sofrida e pelo seu pesado destino. Ela então será “digna do tormento”, ou não. (FRANKL, p.48, 1987)

O sofrimento como possibilidade de se ter um sentido na vida ou descobri-lo, consiste em lutar bravamente a partir de uma tomada de atitude por escolher viver no controle das ações que os fará um protagonista de sua história e, daí ser digno daquele sofrimento que se tornou combustão para a sua trajetória. Talvez fora isso, que me deram motivação para continuar nos estudos acadêmicos até o momento, com inspiração nas lutas de minha mãe e nas orientações de alguns professores tutores de resiliência que o pequeno agricultor é provado para saber se é digno da luta travada contra o dragão diariamente.

O sujeito que passa por situações extrema na vida e que encontra um sentido para ainda continuar vivendo com uma fagulha de esperança, quase que sempre se coloca diante da questão decisiva: A vida tem um sentido? E aquele que passou cinco longos anos em campo de concentração vem nos falar:

Precisamos aprender e também ensinar às pessoas em desespero que a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós, p.54 [...] Diante disso [...] Ela sabe do “porquê” de sua existência - e por isso também conseguirá suportar quase todo “como”. P.56, (FRANKL, 1987).

Com consciência de como enfrentar com bravura o sofrimento do momento o sujeito procura ser o autor principal de sua história e faz escolhas as quais farão parte essencial do processo de individuação, que constituem a capacidade de se autorregular como protagonista da existência no mundo.

Para Boris Cyrulnik:

A resiliência é uma arte de navegar nas torrentes[...] uma vez que caiu numa correnteza que o faz rolar e o carrega para uma cascata de ferimentos, o resiliente [...] deve brigar para não se deixar arrastar pela inclinação natural dos traumatismos que o fazem navegar aos trambolhões, de golpe em golpe, até o momento em que uma mão estendida lhe ofereça um recurso externo, uma relação afetiva, uma instituição social,

ou cultural que lhe permita a superação, (CYRULNIK, 2004, p. 207, apud. XYPAS, CAVALCANTI, 2022, p.221-222).

Na vida de uma pessoa resiliente se encontra algo de muito valor que é o heroísmo de ter superados obstáculos com ajuda de outra pessoa o qual chamamos de “tutor de resiliência” aquele que de alguma maneira ajuda a levantar alguém que foi arrastado pela turbulência, com palavras de animo, de fortaleza e de mobilização para continuar firme na jornada.

Diante de uma pessoa que passou por situações difíceis e que conseguiu vencer com coragem, responsabilidade de que poderia fazer escolhas outras, mas resolveu escolher um caminho penoso que, portanto, lhe deu capital de resistência podemos dizer que nesses moldes temos um herói. Homem ou mulher capaz de enfrentar condições adversas e venceu. Vejamos como se coloca nesta descrição:

O herói tem quase sempre pais divinos ou nobres, sendo ao mesmo tempo filho de seres humanos normais. A gestação, a gravidez, o nascimento e a primeira infância suportam uma grande carga. Algumas vezes os pais são estéreis, outras vezes o herói é rejeitado desde o princípio; ou seu nascimento tem de se realizar em um local secreto, ou ele deve ser morto e exposto. Sendo de origem nobre e divina, experimenta o sofrimento da criança abandonada, desamparada, cuja verdadeira natureza a princípio não é reconhecida. É ao mesmo tempo poderoso e carente. (MÜLLER, p.10, 1987).

E continuando sua trajetória o herói se molda na realidade posta:

Excelentes mestres ajudam-no a aperfeiçoar suas habilidades e conhecimentos. Adquire suas armas pessoais, quase sempre de procedência e qualidade especial. Muitas vezes encontra também um animal, fiel companheiro – em geral cavalo, cão ou pássaro –, que se distingue pela inteligência, segurança instintiva e força.[...] A verdadeira luta do herói leva-o a penetrar em esferas desconhecidas e estranhas. Pode tratar-se de um lugar secreto, de difícil acesso, onde atua um poder sinistro e ameaçador, por exemplo um monstro semelhante ao dragão, um inimigo perigoso ou então a morte. Depois de uma luta difícil, quase fatal, o herói consegue superar esse poder inimigo. Em seguida, ganha um tesouro (ouro, reino, conhecimento, fama) e uma jovem virgem, com a qual se unirá e terá um filho.(MÜLLER, p. 12, 1987).

O herói é um personagem central na história onde passa por maus-bocados, ou seja, enfrenta grandes desafios que ameaçam a sua existência e que pode

levá-lo à morte. O herói também é dotado de algo extraordinário que lhe é próprio em sua essência a capacidade de sofrer e ser altruísta em favor de um bem maior para ele e como também para com os outros em especial. Ele supera dragões a todo dia com firmeza e coragem.

## METODOLOGIA

Para entendermos com bastante clareza o caminho de um sujeito na sociologia do Êxito Improvável utilizamos o método autobiográfico, apresentados por Xypas, Cavalcanti (2022), que traça um quadro de elementos actantes onde revela o roteiro para o herói desvelar a sua bravura. Esse quadro que os autores apresentam segue a inspiração de Greimas e Courtés (2012), para cada actante existe uma função que correlaciona para o cumprimento da missão do herói e como ele pode dá sentido ao seu sofrimento na vida enquanto sujeito de sua história.

**Quadro 1- Actantes na narrativa autoreflexiva, segundo Greimas e Courtés (2012 apud XYPAS, CAVALCANTI, 2022)**

Actantes	Função
Destinador	Aquele que estabelece a missão
Destinatário	Aquele que recebe a missão
Objeto	O objeto desejado pelo sujeito
Contrato	O acordo entre o destinador e destinatário
Oponentes	Aqueles ou aquilo que agem contra a missão
Adjuvantes	Aqueles que ajudam o destinatário a cumprir a missão
Competência	Tudo aquilo que o sujeito aprende para conquistar o objeto
Performance	Como vence os obstáculos e os pontos que lhe fez resiliente
Sanção	A recompensa do destinatário, a conquista de seu êxito, ou seja o bônus

Fonte: o autor (2022)

Suscitados pelos autores neste quadro 1, nos inspiramos para desenhar os actantes de nossa história para melhor demonstrar os agentes e suas funções na narrativa autoreflexiva apresentada.



**Quadro 2- Actantes e suas funções exercidas na narrativa do autor.**

Actantes	Função
Mãe	"Estude para ser gente"
O autor	O Filho
Estudos	Conseguir concluir, chegando até o ensino superior
Prosseguir nos estudos	Ir para escola e ser aprovado no ano letivo
Falta de capital financeiro/ distância/ professores desmotivadores/ falta de transporte escolar	Ter pouco capital financeiro para suprir as necessidades básicas; conhecer professores que não reconhecia o valor da receptividade; dificuldade no acesso à escola: distância.
Mãe/ parentes/ professores tutores de resiliência	Mãe que o incentivava; parentes que o acolhia; professores que sabiam receber alunos e motivá- los.
Perseverança/ força de vontade/ incentivo de alguns professores	Reconhecimento que o caminho é árduo, mas sempre tem ao final recompensas; vale a pena lutar e enfrentar o dragão; receber um elogio ou fazê-lo faz a diferença.
Respeito para com os outros/ dedicação	Lutar pelos objetivos; ter clareza do que se quer conquistar; acolhimento do outro como forma de ajudar a vencer desafios; dá sentido as coisas que estão postas no decorrer do percurso.
Diploma/ emprego/ torna-se professor	Vencer mediante os estudos: conquistar o título de mestre; torna-se professor e tutor de resiliência; ajudar outros nas suas conquistas.

Fonte: o autor (2022)

Por intermédio desse processo metodológico para narrativas autoreflexiva propostos pelos autores, tem-se o objetivo de conhecer e despertar em outros sujeitos a capacidade de reconhecimento de construção da relação com o saber e o processo de resiliência que podemos ter em comum e de que forma damos sentido ao saber escolar diante dos desafios encontrados por alunos de origem popular que tiveram ou tem êxito por meio dos estudos alcançando a ascensão social.

Com a relação ao saber e a motivação do sujeito em querer aprender para superação de condições sociais adversas Bernard Charlot (2009) coloca que a mobilização acontece quando faz sentido para o sujeito aprender o que está sendo proposto. Dessa forma, Charlot classifica essa mobilização em um ideal-tipo e que Bastos, Xypas e Cavalcanti (2020) sistematizam no quadro a seguir:

**Quadro 3- Níveis de mobilização da relação ao saber**

4-Os "alunos intelectuais"	Para alguns [alunos], estudar tornou-se uma segunda natureza e não consegue parar de fazê-lo	O aluno se mobiliza para aprender além do saber escolar. Ele busca o saber por interesse próprio
3-Os "alunos muito bem-sucedidos na escola"	Existem aqueles para os quais estudar é uma conquista permanente do saber e da boa nota. Características: dedicação/ mobilização/ luta/ esforço/ desejo e prazer em aprender	O pacto da excelência: mobilização máxima do aluno no âmbito escolar
2-Os "alunos sobreviventes na escola"	Há aqueles que estudam não para aprender, mas para passar para as séries seguintes, para ter um diploma, acreditando que isso é suficiente para se ter um bom emprego	O pacto da mediocridade: mobilização estratégica do aluno buscando o melhor custo x benefício, ou seja, o sucesso com o menor esforço
1-Os "alunos completamente perdidos na escola"	Há aqueles que não entendem por que estão na escola, alunos que de fato, nunca entraram na escola; estão matriculados, presentes fisicamente, mas jamais entraram nas lógicas específicas da escola	A escola não faz sentido. O aluno não entende por que se mobilizar

Fonte: Adaptado de Bastos, Xypas e Cavalcanti (2020)

## 1. NARRATIVA AUTORREFLEXIVA ACTANCIAL DE LUCÍLIO

### A CONSTRUÇÃO DO BEM-ESTAR INFANTIL COM MEUS TUTORES DE RESILIÊNCIA

#### 1.1. O CENÁRIO INICIAL

Minha mãe, uma mulher forte e de muita fibra, que desde cedo em sua vida lutou bravamente para vencer. D. Alaíde é a 4ª filha de 18 irmãos. Como uma das filhas mais velhas de meus avós sua vida foi marcada pelo trabalho na roça, assim, toda sua vida foi com a lida dura e difícil da agricultura. Na dinâmica familiar tem a característica de os filhos mais velhos darem suporte aos mais jovens, isso foi demonstrado pela capacidade de cada um se doar pelo outro. Desse modo alguns filhos mais velhos fazem movimentos migratórios ao sudeste de onde apoiam

financeiramente, para os outros continuarem estudando. Assim, D. Alaíde teve interrompido seus estudos chegando até a antiga 4ª série, ou seja, é semianalfabeta. Na vida adulta trabalhou como doméstica e pouco tempo após o nascimento do primogênito (esse que vos escreve) foi abandonada pelo companheiro. Após alguns anos volta a morar no espaço rural. Momentos muito difícil devido a conjuntura social do país nos anos 80, nesse período de tempo D. Alaíde se levanta todos os dias as 5 horas da manhã faz sua garrafa de café e coloca seu filho no “cangote”, nas costas e sai para a roça andando 2 a 4 km para iniciar seu dia de trabalho e retornar as 5 horas da tarde. E nessa rotina passam-se alguns anos, por volta do início dos anos 90 surge a oportunidade de fazer um concurso de merendeira para escola por exigência da nova constituição é aprovada e as condições financeiras se tornam mais favoráveis.

*Comentário1: A mãe apesar de ter tido pouco tempo para seus estudos, no decorrer da jornada de vida dura na agricultura faz esforço enorme, para que o filho tenha uma vida mais tranquila, através do trabalho. É quase que um contrato para dizer que por meio do esforço, do trabalho e estudos pode-se ter uma ascensão social (isso dito implicitamente por meio das ações) postos por Greimas e Courtès como elementos essenciais actanciais.*

## **1.2. MINHA VIDA NO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Entrei na escola aos 7 anos de idade como era naquele período para o ingresso na escola no espaço rural já que não havia a educação infantil ou creche. Aos poucos aprendi a escrita e leitura, minha mãe me incentivava e sempre tinha uma frase de efeito para externalizar isso: “estude para ser gente” na sua simplicidade de falar em ascensão social. No chão propriamente dito da escola minha professora alfabetizadora tinha uma capacidade de tratar todos com afeto e muita compreensão. E algumas vezes me colocava como orientador para ensinar aos mais novos ou aqueles que não sabiam ainda ler e contar. Ela era minha tia consanguínea.

*Comentário 2: Aqui observa-se que a mãe dá a missão explicitamente “estude para ser gente” onde recaí o contrato (estudar), o destinador (mãe), o adjuvante (tia). Elementos actanciais na vida do destinatário que depois de um tempo contribui para a constituição do professor tutor de resiliência. Outro ponto é que a família é portadora de ethos de ascensão social movidos pelos estudos, conceito preconizado por Bourdieu.*

### 1.3. MINHA EVOLUÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

A mudança de escola pequena no espaço rural para o espaço urbano foi um acontecimento que causou impacto quanto ao acesso ao prédio. Preciso salientar que o contexto educacional e social dos anos 90, ainda não havia sido implementado todas as premissas constitucionais quanto ao acesso a transporte escolar. Nessa época ainda não havia transporte escolar sistemático. Então para chegar a escola a noite tinha que caminhar por alguns quilômetros junto com outros colegas e ao final das aulas voltávamos para casa a pé por volta de 10 horas da noite. Após algum tempo tive ajuda de alguns parentes que residiam na cidade e continuava indo a pé dormia na casa deles e as 6 horas da manhã voltava. Isso foi uma rotina de 2 a 3 anos, em seguida foi implantado o direito a transporte escolar a todos alunos.

*Comentário 3: A mudança de escola tratou de colocar desafios ainda não experienciados na vida do narrador. Falta de transporte escolar e longa travessia de casa a escola, seria os seus oponentes naquele momento escolar da vida de Lucílio.*

Essa mudança para uma escola na cidade de grande porte tive um pouco de dificuldade, mas com um breve espaço de tempo me adaptei. Na 6ª série, o evento mais marcante foi na realização de um trabalho escrito que não atendia as normas do professor e fui chamado atenção em público (fato já relatado em outro momento). Para um aluno tímido, isso causa um desconforto imenso. Nesse espaço de tempo tinha um outro professor de matemática, era um sujeito cheio de si, ele chegava um pouco arrogante e autossuficiência superior, onde trazia seus livros debaixo do braço pedia para abrir o livro didático dava uma explicação rasa do conteúdo e dedicava a suas melhores atenções para as alunas que sentavam próximo ao seu birô. Isso rendia autos papos e até explicação mais detalhadas para quem tinha ele como o cento do universo.

*Comentário 4: Aqui vemos dois exemplos de professores que em algum momento que pouco contribuíram ou seja, de alguma forma foram motivos de inspiração reversa. Ora, esses professores com suas ações pouco acolhedoras construíram no inconsciente do narrador um modelo de professor diferente dos quais se propusera ser, naqueles momentos na sala de aula. Eles foram oponentes.*

Na 8ª série, tive um **professor de matemática** que me incentivou muito, já que matemática não era e nunca foi a minha disciplina favorita, pois tinha bastante dificuldade. O professor Claudionor explicava quase que exaustivamente para que eu conseguisse compreender algo. Era paciente e até certo ponto muito correto no sentido de manter a harmonia da sala de aula.

*Comentário 5: Temos em outro professor para o narrador uma inspiração. Ele trazia uma mensagem através da ação de paciência, de explicar e cuidar da aprendizagem dos alunos, "eu me importo com vocês, sei que são capazes". Como Cyrulnik (2004), fala que o professor desperta sentimento de motivação e assim mobiliza saber do aluno, ele torna-se um tutor de resiliência.*

#### 1.4. MINHA EVOLUÇÃO NO ENSINO MÉDIO

Na passagem para o ensino médio uma professora de história com metodologia bem cartesiana onde nas suas avaliações colocava 10 questões e as respostas tinham que serem necessariamente tal como estava no livro e de preferência com a mesma pontuação. Todos tinham medo, na hora da aula, mal respirávamos.

Nesse mesmo período tive outras 2 professoras que me despertaram para áreas mais reflexivas a professora de filosofia Belzinha e a professora de língua portuguesa Clemanse. A de filosofia sempre nos instigava a refletir sobre nossas ações como cidadãos, com questionamentos sobre nossas ações no contexto social. E a de língua portuguesa incentivava a estarmos atentos as regras da norma culta, mas também trazer o "acolhimento" para aqueles que não dominam as normas convencionais da ortografia. Em um momento ela disse: - "**Nunca esqueçam que uma crítica só ganha validade se ela servir para ajudar a outra pessoa. A crítica deve ser quase sempre construtiva**".

*Comentário 6: Como é importante professores que veem no outro um ser a ser amado e merecedor de ser compreendido, esses professores são adjuvantes como Greimas traz e como eles também são tutores de resiliência na ótica de Cyrulnik.*

## I A BUSCA DE SENTIDO PROFISSIONAL E A CONSTRUÇÃO DO BEM-ESTAR DOCENTE

### 1.5. MINHA EVOLUÇÃO NA LICENCIATURA

Por um tempo dei pausa nos estudos por causa da necessidade de trabalhar, por falta de oportunidade e recursos para pagar uma faculdade. Como desde a infância por volta de 5 e 6 anos acompanhava minha mãe para o trabalho na lavoura e na dura lida com a enxada, eu tinha a incumbência continuar trabalhando na roça para sustentar a casa nas suas necessidades mais básicas de prover o alimento para família. A vida na lida da roça é bem difícil e quase ininterrupta de segunda ao sábado de sol a sol, onde se espera sempre que o clima seja favorável para o plantio até a colheita, mas como é sabido que aqui no Nordeste a irregularidade das chuvas torna o trabalho na roça muito mais duro.

No ano de 2004 consegui passar em uma seleção em programa do governo federal para ministrar aulas em turmas de jovens e adultos, mais uma vez se coloca obstáculos, o local de trabalho era distante de casa onde eu precisava dormir na casa de uma tia já que o horário de trabalho seria a noite. Como o pouco que na época ganhava depois de um breve tempo fiz vestibular em uma faculdade particular e ingressei na licenciatura em pedagogia, assim consegui terminar a licenciatura e por conseguinte fiz a pós-graduação.

*Comentário 7: A necessidade de trabalhar e ajudar em prover o alimento para família em uma dura realidade do trabalho na roça, vai moldando no narrador um movimento de resiliência iniciado com a mãe e com o encontro de professores que o ajudam. Após conseguir um trabalho e com a acolhida da tia vai avançando nos estudos e consegue cursar a graduação e posterior chegar a pós-graduação. Com isso o narrador vai avançando nos níveis de mobilização ao saber colocado por Charlot (2000).*

### 1.6. MINHA EVOLUÇÃO NA PROFISSÃO DE PROFESSOR

Fui acolhido na casa da tia Irene, mulher doce e de coração esplêndido, trabalhava o dia todo na roça e à tardinha caminhava para casa dela e de lá seguia para escola com os também agricultores.

Na minha trajetória acadêmica e na profissão de professor já tive diversas experiências que deram bons frutos tanto profissional como pessoal. Logo, lá no

início do ingresso no magistério em sala de aula, porque pude acompanhar por alguns anos turmas de jovens e adultos onde desenvolvi trabalho de valorização da pessoa humana, através da escuta e da valorização dos saberes dos alunos adultos.

A dinâmica de trabalhar com adultos é diferenciada por precisar olhar os saberes adquiridos ao longo do tempo de experiência de cada um. A partir de suas vivências e saberes vamos traçando nossas estratégias de trabalho, como preconiza Paulo Freire. No interim deste cenário percebi diferentes formas de expressão dos estudantes para se dispor a ir para escola, quando já cansados de um longo e exaustivo dia de trabalho na lida da roça. Ouvir histórias, relatos de desafios e superação destes guerreiros era para mim momentos de muita aprendizagem. Tinha alunos de 17, 18, 20 anos e alunos de 30, 40 e até 60 anos.

Entre os alunos desse momento profissional, tive uma aluna D. Tôta. Uma senhora de 60 anos, mas com uma jovialidade e alegria contagiante. Também tinha grande força de vontade para aprender, trabalhava na roça de sol a sol, no final do dia para o começo da noite era a primeira a chegar na escola, apesar de ter bastante dificuldade para abstrair os conteúdos formais se esforçava ao máximo para melhorar e aprimorar sua letra e realizar as atividades.

Em contrapartida me esforçava para dar assistência e incentivo com atividades que estavam próximas do seu cotidiano.

*Comentário 8: No encontro com os alunos da EJA, o narrador tem a oportunidade de se tornar tutor de resiliência para isso enxerga no outro as potencialidades que existem em cada sujeito e os incentiva a progredir nos estudos acompanhando nas atividades, procurando soluções para os desencontros. Demonstrando para os alunos que através da persistência e força de vontade podemos superar dificuldades e nos desenvolver intelectualmente.*

Em 2009 prestei concurso público e estou em sala de aula do ensino fundamental I desde então. Nessa nova empreitada estou ensinando em escola do campo, onde a realidade é bem complexa e diferenciada da realidade urbana. O público da zona rural é bem heterogêneo onde leciona na modalidade multisseriada que se caracteriza por ter na mesma sala de aula várias séries desde o infantil com alunos de 04 anos ao 4º ano alunos na idade de 09 anos. Para ajudar meus alunos jovens procuro incentivar através de elogios, atividades em grupos e mostrando que eles são capazes de vencer desafios tanto econômicos como social para se dá bem na vida.

## 1.7. MINHA EVOLUÇÃO DURANTE A FORMAÇÃO NO MESTRADO

Desde o término da pós-graduação tinha vontade de prosseguir na minha formação acadêmica, mas dei um tempo para organizar um pouco a vida pessoal. Nesse interim me casei e sempre estive em formação ora por meio de estudos propostos pelas redes de ensino que trabalho ou por conta própria. Na formação oferecida no meu trabalho fiz em curso de extensão na UFPE em 2017 com enfoque na educação do campo, foi o meu primeiro contato com a academia onde me despertou com mais fervor o desejo de fazer um mestrado. Desde 2018 tentei algumas vezes (na verdade já ia pela 6ª tentativa) em 2020 consegui o meu objetivo no PPGCM/CAA. Em toda essa trajetória vem na mente aquela frase de efeito proferida pela gente humilde da roça, frase que até parece um mantra: “estude para ser gente”. E sempre trazendo na memória reflexões sobre a capacidade de que a educação e a dedicação nos estudos podem transformar a vida de um simples agricultor em uma cidadezinha pequena do interior de Pernambuco. A busca pelo sentido o qual o autor Viktor Frankl relata no seu livro título: Em busca de sentido (2021). Neste ano de 2022 já imerso em leituras e discussões acerca desse sentido venho a me questionar. Qual foi o sentido que você buscou para ser resiliente nas condições adversas e prosseguir nos estudos?

*Comentário 9: Percurso acadêmico do narrador demonstra o que Charlot vêm chamar de mobilização ao saber tem sua dinâmica na relação do sujeito com o mundo onde vive e com os outros: familiares, professores ou amigos. E também com ele mesmo. Assim, o que coloca Charlot (2000), tem uma proximidade com o que Bourdieu (1964), chama de *illusio*. Assim podemos concluir que o narrador chegou ao nível 3 da mobilização do aluno ao saber onde caracteriza o aluno bem-sucedido na escola: estudar é uma conquista permanente do saber, onde a dedicação, mobilização, luta, esforço, desejo e prazer em aprender são a mola propulsora de sua vida escolar.*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Viktor Frankl (1987), três caminhos através dos quais podemos dá sentido a vida na sua plenitude: Criar um trabalho ou fazer, experimentar algo ou encontrar alguém e mudar a si mesma apesar das dificuldades. Diante da narrativa apresentada vemos no desenrolar que a busca pelo sentido vai se moldurando a cada passo que o autor dá para superar os desafios da vida, como acordar cedo e



andar alguns quilômetros para chegar na roça. Vencer a timidez que o acompanha por toda a vida, percorrer uma longa distância para chegar na escola e trabalhar na lida da agricultura. Após superar alguns entreveios foi ultrapassando as barreiras e conquistando, êxito escolar e ascensão social: conquista de um emprego, passar em um concurso público e nesta trajetória vai se construindo uma relação com o saber, estudar, fazer uma faculdade, chegar na pós-graduação e no mestrado. Nesse percurso o autor não se deixou abater e as vezes se reconstrói para chegar ao seu objetivo. A relação do professor com seus alunos depende de como o professor ao longo de seu caminho trilhado na formação docente pode ajudar aos alunos para formarem sua individualização, onde podem fazer escolhas de acordo com as capacidades cognitivas e sociais que lhes constituem.

O professor precisa ter claramente a ideia de que além de mediador e transmissor de conhecimento é o sujeito que impacta a vida dos alunos tanto positivamente como negativamente. As marcas que deixamos de positivo acontecem quando temos empatia, respeito, atenção e acolhimento. Com isso, os professores como tutores de resiliência são portadores de uma constante construção de saberes, o que podemos dizer que são devires, os quais possibilitam a formarem nos agentes (os alunos) a individualização. Nesse sentido, pode-se desenvolver uma maior mobilização ao saber e a resiliência.

Chegamos a conclusão de que quando um docente tem sua trajetória alçada na capacidade de superação de desafios e lutas com o dragão a cada dia, ele em geral pode torna-se tutor de resiliência como preconiza Cyrulnik (2004), o sujeito resiliente não é um ser acomodado ou adaptado a situação, mas um ser que luta por condições melhores que resultem em ascensão social. E com isso, no caso do professor ele consegue contribuir para que os seus alunos sejam capazes de vencer dragões diariamente.

## REFERÊNCIAS

---

BASTOS, A. A.; XYPAS, C.; CAVALCANTI, D. A luta pelo saber do filho de um frentista que se tornou doutor em matemática. *In*: XYPAS, C; CAVALCANTI, D. (org.) *Da luta pelo saber construção do êxito escolar*. Curitiba: Editora CRV, 2020. p.125-128.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C.[1970]. *A reprodução*: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. *Os herdeiros*: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Editora da UFSC, [1964] 2014.

CHARLOT, B. A. *Relação com o saber nos meios populares*: uma investigação nos liceus profissionais de subúrbios. Porto: CIIE/Livpsic, 2009.

CYRULNIK, B. *Resiliência*: como tirar leite de pedra. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. p. 33-56.

FRANKL, V. E. *Em busca de sentido*: um psicólogo no campo de concentração. Petrópolis, Vozes, [1987] 2021.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. Dicionário de Semiótica. São Paulo: Contexto, 2012.

LEAL, A. L. G. Resiliência e formação humana em professores: em busca da Integralidade. Recife, PE: Ed. Universitária da UFPE, 2011.

XYPAS, C.; SANTOS, S. C. M. *Illusio*, jogo e êxito de alunos de origem popular: relendo

Pierre Bourdieu. In: XYPAS, C.; ZUBEN, M.C. V.(org.) *Êxito escolar e ascensão social de pessoas de origem popular*. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2019. v. 1, p. 161-178.

XYPAS, C.; CAVALCANTI, D. *Narrativas autorreflexivas actanciais de professores de origem popular*: resiliência, mobilização pelo saber e ascensão social. (org.) Curitiba: CRV, 2022. 266 p. v. 2 (Coleção Da Luta Pelo Saber).

MÜLLER, L. *O Heroi*: Todos Nascemos Para ser Herois. Tradução: Erlon José Paschoal. São Paulo: Editora Cultrix, 1987.